

A Exposição Industrial de 1884 e as suas repercussões*

Foi de verdadeiro júbilo para a população vimaranense a inauguração, às 11 horas da manhã do dia 15 de Junho de 1884, da memorável Exposição Industrial de Guimarães neste mesmo Palácio de Vila Flor que então fora cedido pelo seu proprietário António Maria Soares Veloso, a cuja acção decidida se ficou a dever, definitivamente, a ligação ferroviária da Trofa a Guimarães, e que, deste modo, também se quis associar a tão promissora iniciativa, facilitando a sua instalação.

Viviam-se momentos eufóricos de actividade e de realizações que ficaram gravadas, a letras de ouro, na história de Guimarães.

Em 9 de Março de 1882 procedera-se à inauguração solene da Sociedade Martins Sarmento.

Depois, a 14 de Abril de 1884, chegou a Guimarães, no meio do maior entusiasmo da população, o combóio inaugural do caminho de ferro que veio ligar a nossa cidade à rede ferroviária do país, o que representava um factor de progresso há já muito desejado (1).

Dois meses depois, e também solenemente, era aqui inaugurada a Exposição Industrial, que tanto interesse despertou e veio dar novos rumos à indústria vimaranense.

Existia, então, na nossa terra, uma plêiade distinta de homens cultos, reunidos à volta da figura ilustre do pré-historiador e distinguido arqueólogo Martins Sarmento, — que depois constituíram seu patrono —, plêiade que muito contribuiu para o engrandecimento cultural e industrial de Guimarães.

E foi à Sociedade Martins Sarmento que, por proposta do seu associado Domingos Leite de Castro e vencendo atritos, oposições e embaraços, se ficou a dever a iniciativa e a organização da Exposição.

* Palestra proferida, a convite da Câmara Municipal de Guimarães, na sessão solene realizada em 15 de Junho de 1984 no Palácio de Vila Flor — Universidade do Minho — em comemoração do Centenário da Exposição Industrial de 1884.

(1) Manuel Alves de Oliveira, *Lá vem o comboio novo!...*, Guimarães, 1982.

Numa assembleia geral dos seus sócios, a que presidiu o sr. conde de Margaride, foi acolhido, com entusiasmo, o projecto da Exposição, sendo logo constituída a Comissão Central, sob a presidência do sr. barão de Pombeiro, da qual ficaram também a fazer parte os srs. Dr. António Coelho da Mota Prego, que era o presidente da Câmara Municipal, Manuel de Castro Sampaio, que exercia as funções de administrador do concelho, o visconde de Lindoso, dr. José da Cunha Sampaio, António Augusto da Silva Carneiro, António José da Silva Basto, dr. Avelino Germano, Domingos Leite de Castro, dr. Avelino da Silva Guimarães, Adolfo Salazar, dr. Joaquim José de Meira, dr. Domingos de Castro Meireles, Manuel de Freitas Aguiar, José Miguel da Costa Guimarães, Eugénio da Costa Vaz Vieira, José Martins de Queirós, dr. Alberto Sampaio, Domingos José de Sousa Junior, Manuel Ribeiro de Faria, Domingos Martins Fernandes, João Dias de Castro e José Ribeiro da Silva e Castro.

Numa outra assembleia geral foram constituídas duas comissões: a de meios, composta pelos srs. Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, que, como diplomata e historiador, ficou a ser mais conhecido por Abade de Tagilde, Domingos Martins Fernandes, Eduardo Manuel de Almeida e António José Baptista Guimarães; e a executiva, que tinha como presidente o dr. José Sampaio e de que faziam parte Domingos Leite de Castro, Domingos Martins Fernandes e Manuel Ribeiro de Faria.

A todos aqui deixo citados como homenagem à sua dedicação, esforços e canseiras que dispenderam para levar por diante a iniciativa tomada.

No acto inaugural usaram da palavra os srs. Barão de Pombeiro e o presidente da Câmara Municipal, tendo o Barão de Pombeiro afirmado: — *Esta Exposição, senhores, não tem unicamente por fim chamar à competência, e por isso ao aperfeiçoamento, os nossos artistas: vai mais além. Mostrando Guimarães neste certamen quão valiosa é a sua indústria em tantos diversos ramos, adquire um importante título para que o poder central lhe conceda a indispensável protecção a que tem direito.*

Por sua vez o sr. Presidente da Câmara salientou: — *«Cabe a Guimarães a glória de iniciar no país as exposições concelhias, dando, por esta forma, uma prova cabal e plena do seu progresso. Esta Exposição industrial satisfaz plenamente o seu duplo fim porque não é só um certamen onde se criam estímulos, que conduzem ao aperfeiçoamento, mas, ao mesmo tempo, é a afirmação mais positiva, feita perante um povo inteiro, da importância industrial de um concelho*

que ousou iniciar uma Exposição, de notável merecimento, simplesmente industrial. Desta Exposição se esperam as mais eficazes lições; e se é certo que a indústria não pode subsistir nos tempos modernos sem a instrução profissional, e que o futuro de Guimarães está ligado ao aperfeiçoamento das suas indústrias, a consciência desta verdade leva-nos a nós, os filhos desta nobre e briosa terra, a empregarmos todos os nossos esforços para conseguirmos por todos os modos aquela instrução profissional. Terminando desta maneira: — Quem ousa o que nós ousamos, não deve, direi mais, é-lhe impossível parar no caminho encetado.» (2).

E de facto não se parou, como vamos ver.

A Exposição ocupou todas as dependências do Palácio que, então, não estava ainda completo como hoje se encontra, pois a sua construção havia parado no pavilhão central, que constituía a entrada principal.

Foi neste palácio que a rainha D. Maria II ficou hospedada, quando, em 15 de Maio de 1852, esteve em Guimarães.

No rez do chão e na 1.^a sala expunham-se os couros curtidos e aparelhados produzidos nas fábricas dos dezoito industriais expositores (3); na 2.^a sala eram já os industriais de calçado, num total de sete (4), que apresentavam os seus artigos, bem como os seleiros e correeiros, estes num total de três expositores (5). A 3.^a foi destinada às indústrias de papel, fotografia, flores e frutos artificiais, contando um expositor na indústria de papel (6), 2 na de tipografia (7), 2 na de fotografia (8) e treze na de flores e frutos artificiais (9). Também

(2) *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães*, Porto, 1884, págs. 11 e 12.

(3) António Peixoto de Matos Chaves, João António de Almeida & Irmãos, Bento José Leite, José Maria Leite, Manuel José Teixeira, Bento José de Araújo Nobre, António Joaquim Gomes, António Mendes Guimarães, António José Lage, José Crisóstomo da Silva Basto, Manuel Ferreira Pimenta, Francisco José Ribeiro-Manuel José Martins, António José Ribeiro, João José Gomes, João Leite de Matos, Manuel de Sousa Leite e José António Meira de Abreu Guimarães.

(4) António José de Macedo, Francisco de Oliveira, Silva & Filho, Nicolau José Gonçalves, Jerónimo Félix, Simão Ribeiro e José Ribeiro Pita.

(5) Custódio José de Passos Lima, Custódio Fernandes Lopes e Francisco José de Passos.

(6) Ribeiro & C.^a.

(7) António Augusto da Silva Caldas e José da Silva Carvalho Guise.

(8) António Augusto da Silva Cardoso e Dr. Francisco Martins Sarmiento.

(9) Irmãs hospitaleiras ao serviço da Misericórdia, Irmãs hospitaleiras ao serviço do Asilo de Mendicidade, D. Maria Luísa de Freitas Carneiro, D. Maria de Belém Carreira, D. Maria Rosa de Magalhães, D. Maria de Belém Moreira, D. Teresa de Jesus Moreira, D. Maria de Belém Ferreira de Abreu, Escola do Asilo

nela se agrupavam as indústrias de chapelaria, obras de sirgheiro, aparelhos de pesca, os alfaiates, as confecções e a encadernação, com um expositor na chapelaria⁽¹⁰⁾, um nas obras de sirgheiro⁽¹¹⁾, dois em aparelhos de pesca⁽¹²⁾, dois em alfaiataria⁽¹³⁾, um em confecções⁽¹⁴⁾ e um em encadernação⁽¹⁵⁾. Na 4.^a sala expunham-se trabalhos de ourivesaria de nove industriais⁽¹⁶⁾; de relojoaria, de um só industrial⁽¹⁷⁾; de fio de linho, de um só expositor⁽¹⁸⁾; de roupa branca, lisa e bordada, meias, colchas, toalhas e bordados a cores e a fios de prata e de ouro, etc., a que concorreram 33 expositores⁽¹⁹⁾, na sua maioria do sexo feminino, e ainda os tecidos brancos de linho, e mistos de linho e algodão e também de lã, com dois expositores⁽²⁰⁾.

Passemos à 5.^a sala: — Aí se encontravam expostos não só linha em maço, mas também tecidos (guardanapos, toalhas de mesa adamacadas e de damasquillo, cobertas e coxins) a que concorreram 15 expositores⁽²¹⁾.

de Santa Estefânia, D. Carolina de Freitas Costa, D. Olívia Aurora de Freitas Fernandes, D. Cândida de Sousa e Silva e Manuel de Castro.

(10) *Francisco Agostinho Cardoso de Lemos.*

(11) D. Ana Rosa de Oliveira.

(12) Domingos Bernardino de Araújo Abreu e José Barroso Pereira.

(13) João Baptista Pimenta e António Pinto Pereira Mendes.

(14) António Augusto Ribeiro Antas.

(15) José de Freitas Guimarães Júnior.

(16) João José Fernandes, João José Pinheiro, António Alberto da Rocha Guimarães, José Dias de Sousa, António José Fernandes, Eduardo de Sousa Pereira, Joaquim Aires de Sousa Pereira Guimarães, Vicente Ferreira da Silva e Joaquim Matos da Silva.

(17) José Clemente Jácome Guimarães.

(18) D. Emília Augusta Ribeiro Gomes de Abreu.

(19) D. Maria de Oliveira Gomes, D. Maria do Carmo Gomes, D. Adelinda Cândida Gomes, D. Angélica Ermelinda Gomes, D. Ana de Jesus Gomes, D. Maria da Conceição Alves Costa, D. Emília Leite da Silva Gomes, D. Elvira Carreira, D. Joaquina Veloso de Menezes, D. Filomena de Jesus Gomes, Domingos José de Sousa Júnior, Asilo de Santa Estefânia, D. Maria de Belém Moreira, Escola do Asillo de Mendicidade, D. Maria Martins Ferreira, D. Teresa de Jesus Moreira, D. Ana Rosa de Jesus Baptista, D. Maria Rosa de Magalhães, D. Ana Angelina Moreira, D. Ana Adelaide de Castro Novais, D. Emília Augusta Teixeira Guimarães, D. Rosa de Jesus Leite, D. Escolástica Rosa de Jesus, D. Helena Ferreira de Castro Villas-Boas, D. Maria do Carmo Leite Lobo, D. Felicidade de Jesus Leite, D. Carolina de Freitas Costa, D. Rosa de Freitas Costa Brandão, D. Emília de Freitas Costa, D. Maria Isabel de Freitas Costa, D. Beatriz da Luz Passos Lima, D. Maria Antónia da Silva Basto e D. Maria de Oliveira.

(20) Domingos José de Sousa Junior (nas duas classes).

(21) D. Joaquina Carolina de Santa Rosa, António da Costa Guimarães, F.º & C.^a, Viúva Nogueira e Sousa, Joaquim Martins de Oliveira Costa, António

Na 6.^a sala expunham-se cotins, riscados e fio tingido, nela figurando 3 industriais⁽²²⁾. Na 7.^a, 8.^a e 9.^a salas ficaram a colchoaria, cutelarias, pentes e outros artigos de chifre, esporas e freios, com 1 expositor em colchoaria⁽²³⁾, 7 em cutelaria⁽²⁴⁾, 5 em pentes⁽²⁵⁾ e 2 em esporas e freios⁽²⁶⁾. No corredor, à direita do átrio, estavam obras de caldeireiro, com 1 expositor⁽²⁷⁾, e de latoeiro, com 2 expositores⁽²⁸⁾.

Depois, no 1.^o andar e no pátio das escadas, expunham-se os utensílios industriais (aros de peneiras e fusos de roca), com um expositor⁽²⁹⁾, e produtos agrícolas, não alimentares, com dois expositores⁽³⁰⁾. Na primeira sala, farinhas e pão, confeitaria e açúcar refinado, com oito expositores⁽³¹⁾. A 2.^a sala foi reservada às águas mineiras de Vizela e das Taipas, e no anexo a móveis e objectos de decoração, de 11 expositores⁽³²⁾, e produtos de exploração florestal, de dois expositores⁽³³⁾.

Serralharia e fundição, funilaria e carruagens ocupavam a 2.^a sala, e nela figuravam quatro expositores⁽³⁴⁾. A 3.^a, e última sala, com-

Crisóstomo da Silva Basto, D. Rita de Faria e Sousa Abreu, D. Maria de Belém Paredes, D. Violante Rosa Teixeira, D. Leocádia Joaquina Peixoto da Silva Bourbon, Francisco José Rodrigues, José António da Cunha, José da Silva, Domingos Ferreira, D. Florinda Alves e Domingos José de Sousa Junior.

(22) Joaquim Luciano Guimarães, Guimarães & Filhos e Alexandre José Rodrigues.

(23) Manuel António Plácido Pereira.

(24) Augusto Mendes da Cunha, António Francisco de Oliveira Guimarães, Cunha & C.^ª, José Francisco da Silva, João Manuel de Melo, Domingos José Ferreira da Silva Guimarães e Manuel da Silva (o 35).

(25) Augusto Mendes da Cunha, António Francisco de Oliveira Guimarães, José Joaquim Peixoto, Domingos José Ferreira da Silva Guimarães e João Manuel de Melo.

(26) João Carvalho Guimarães e Joaquim de Matos.

(27) Francisco José Lobo.

(28) Francisco Lopes e António Baptista Lemos.

(29) José Gomes Ferreira.

(30) Dr. António Coelho da Mota Prego e António de Barros Faria e Castro.

(31) Domingos José de Sousa Junior, António Serafim Afonso Barbosa, D. Maria dos Prazeres Ribeiro Varandas, D. Maria Mendes Lucas, D. Antónia Amália Viegas, D. Ana Angelina Moreira e D. Isabel Maria Freitas Costa.

(32) Francisco Cândido Pinto, António José Baptista Guimarães, Vicente de Sousa Neves, António José de Faria, Joaquim da Costa Ribeiro, Francisco Ribeiro, Lourenço de Araújo Campos, José Barroso Pereira, Padre Abílio Augusto de Passos, Luís de Barros Faria e Castro e José Martins de Queiroz Minotes.

(33) Dr. António Coelho da Mota Prego e Carlos de Castro Araújo Abreu.

(34) Almeida & Freitas, Luís de Pina, Henrique Pinto de Figueiredo, e António Fernandes.

preendia as indústrias de olaria, com artigos de 4 industriais⁽³⁵⁾, e as de sabão, sebo e velas, cera e cola, estas expostas por 4 industriais do ramo⁽³⁶⁾.

Joaquim de Vasconcelos viria a manifestar as suas impressões acerca da Exposição escrevendo no «Comércio de Portugal», de Lisboa: — «Perante a Exposição, perante semelhantes provas, não pode haver dúvidas no futuro; há-de ser difícil encontrar no distrito outro concelho digno de preferência».

Outro visitante, A. de La Rocque, depois de descrever no «Comércio Português» o que vira na Exposição, concluía: — «Louvada seja, porém, a livre luz do dia que permite ao concelho de Guimarães caminhar nas suas modestas indústrias através de sendas quase que obstruídas pelo abandono de quem de há muito as devia cuidar, e louvados sejam os que se empenharam em evidenciar essa vida latente de trabalho, que, como tesouro ignorado, a todo o país surpreendeu».

Por sua vez assim se manifestava «*O Primeiro de Janeiro*»: — «A Exposição Industrial de Guimarães tem um altíssimo valor, constitue um ressurgimento vigoroso desta apatia física e intelectual, em que a nossa bela raça de latinos, de sangue fogoso e viva imaginação, parece cair».

Na «*Folha Nova*» deste modo se referia a Exposição — «Venho de assistir à abertura da Exposição de Guimarães, e na verdade um concelho que exhibe uma exposição como a que está no palácio do Cavalinho é digno de todo o louvor, e muito mais ainda a Sociedade Martins Sarmiento pelo grande trabalho que teve para apresentar mais um benefício para a instrução do povo para que tanto tem trabalhado, e, ao mesmo tempo, afirmar, a quem não tem conhecimento das indústrias desta cidade, que as há e que se podem algumas delas apresentar em qualquer parte sem medo de envergonhar a terra onde são fabricados.»

Vejamos agora o que se dizia no «*Imparcial*», de Coimbra: — «Guimarães, o berço da monarquia, pátria de tantos varões ilustres, escreve uma página brilhante da sua história contemporânea; e abrindo suas portas aos expositores do concelho dá um impulso maravilhoso à religião do trabalho.»

«*Vida Moderna*» também deste modo emitia a sua opinião: —

(35) António José da Costa Rainha, António José Alves da Costa Guimarães, Bernardo de Oliveira e Joaquim José Antunes.

(36) Domingos José Ribeiro Guimarães, José Ferreira de Abreu & Irmão, Joaquim António da Cunha Guimarães e Francisco José Ribeiro Peanha.



Alberto Sampaio



João Franco

«Nas páginas brilhantes da gloriosa história do berço da monarquia há a registar-se mais um facto, cuja memória será imorredoura em todos os corações vimaranenses — mais uma data perdurável nos seus fastos famosos.»

Igualmente a «*Ilustração Universal*» assim se manifestava: — «O aspecto da Exposição era surpreendente. Conhecia-se à primeira vista que tinha presidido a cada uma das instalações uma acertada e inteligente direcção, e que as impressões de agradável surpresa iam além do que todos esperavam».

Também para o «*Jornal do Comércio*», de Lisboa: — «a Exposição Industrial de Guimarães é, portanto, um verdadeiro successo, uma página brilhante para a história da indústria portuguesa, especialmente do Minho».

E mais acrescentava: — «O dia 15 de Junho de 1884 constitue uma data inolvidável para a história da indústria de Guimarães. A inauguração da Exposição inicia uma nova fase da sua actividade, é a entrada na rota do novo progresso, o convívio, o primeiro congresso dos industriais de todo o concelho, que, estudando reciprocamente os produtos das suas fábricas e oficinas, vão adquirir a certeza da sua aptidão, o valor dos seus esforços, a consciência da sua força pela associação, pela união das vontades, tendo por fim a realização de uma ideia, ou a conquista de melhorias e vantagens gerais, tecnológicas, ou mercantis.»

Aqui bem perto, no vizinho concelho de Santo Tirso, o «*Jornal de Santo Thyro*» publicava: — «Guimarães tem elementos de vida que a honram sobremaneira, e, apesar da indiferença dos governos para com ela, marcha a passos agigantados no caminho do progresso.»

Como se verifica do que acabamos de citar, todos os principais jornais da época demonstraram uma unanimidade no louvor à Exposição, que veio abrir novos horizontes à indústria vimaranense.

A Exposição encerrou em 26 de Julho. Mas em 1 desse mês foi visitada pelo Director do Instituto do Porto, Gustavo Adolfo Gonçalves de Sousa, que tinha sido nomeado pelo Governo para a visitar oficialmente, o qual se fez acompanhar de Joaquim Casimiro Barbosa, secretário do mesmo Instituto, e de José Parada da Silva Leitão, inspector das escolas de desenho industrial no norte do país, os quais, depois de um minucioso exame, que continuaram nos dias seguintes, manifestaram aos membros da Comissão Central, que os aguardaram e acompanharam, quanto a Exposição os impressionára agradavelmente, acrescentando que era muito digna de ser visitada.

Parada Leitão também veio com a missão especial de tratar com

a Câmara Municipal da instalação da escola de desenho acerca da qual fora pela Câmara, em sessão de 16 de Março, consignado na acta um voto de agradecimento ao deputado Mariano de Carvalho pelo interesse que tinha tomado em prol do desenvolvimento industrial de Guimarães, propondo a criação de uma escola de desenho nesta cidade, o que fora votado nas duas Câmaras legislativas.

Em 27 de Setembro, Gustavo Cardoso de Sousa fez entrega ao Ministro das Obras Públicas do relatório respeitante à Exposição, que foi publicado no «Diário do Governo» de 24 de Outubro e em que se fundamentou o Decreto de 3 de Dezembro que criou a Escola Industrial a que, depois, foi dada a denominação de «Francisco de Holanda», abrangendo as cadeiras de geometria elementar, contabilidade, desenho e química industriais. Era Ministro da Fazenda, Obras Públicas e Comércio e Indústria, António Augusto de Aguiar.

Via-se assim satisfeita, de momento, uma das aspirações de Guimarães a que, aliás, Joaquim de Vasconcelos, se referia deste modo: — «Ficam claramente expressos os desejos, as justas aspirações da laboriosa cidade», acrescentando: — «O governo de Sua Magestade concedeu-lhe a escola de desenho industrial, cujo complemento, ou, para melhor dizer, cuja transformação em escola industrial completa, depende só do tempo, porque o mais essencial existe: uma actividade fecunda que lutou e venceu no meio das maiores dificuldades».

Assim se confirmava o que o presidente da Câmara, no seu discurso da sessão inaugural, esperançadamente, havia dito: — ser «impossível parar no caminho encetado.»

A Exposição começara a dar os seus frutos e a escola criada iria ser o local onde a juventude receberia uma melhor preparação e uma mais eficiente formação técnica-profissional capaz de dar resposta adequada às exigências da revolução industrial que se estava a operar em Guimarães, desenvolvendo um processo dirigido na aquisição de conhecimentos que iam preparar o indivíduo para bem desempenhar, na sociedade, uma profissão especializada, uma vez que, com o desenvolvimento que então se esboçava na indústria vimaranense, iria surgir a necessidade de uma vasta gama de conhecimentos que, à medida que a tecnologia se ia desenvolvendo, exigia um melhor nível de ensino.

Não se olvidava que o trabalho manual e o trabalho intelectual tem, forçosamente, de coexistir em qualquer sociedade, dado que ambos constituem, na sua aliança, uma lei natural e uma das manifestas condições de harmonia social, sem a qual não pode haver prosperidade.

Os homens que estavam à frente da Sociedade Martins Sarmento sentiram essa necessidade e por ela ardorosamente combateram. Essa plêiade brilhante, que levava a cabo a Exposição Industrial, ingressara nos âmbitos da história numa estimativa de dados meticulosos e impreteríveis em que o génio pertinaz da Raça se retemperava no impulso medular da obra que era necessário erguer-se como expressão máxima da realidade pátria.

Dessa plêiade uma figura se sobrelevava: — era Alberto Sampaio. Tinha sido ele a alma da Exposição e o guia sempre amável, sempre atencioso e paciente. Possuía um real conhecimento dos problemas financeiros, económicos e agrícolas, e a ele se ficou a dever a elaboração meticulosa do valioso Relatório da Exposição.

Numa folha única, intitulada «A Indústria Vimaranesa», publicação da Imprensa Vimaranesa comemorando a abertura da Exposição e que foi largamente distribuída pelos visitantes, Alberto Sampaio escrevera. — «Agitar a população fabril e convencê-la a lançar-se numa tal empresa, a ela que tem vivido sempre na penumbra e como que abandonada, é muito; mas não é tudo. O tudo é a união das vontades. Se se convencerem todos da força imensa de que poderão dispor, se reunirem e disciplinarem os seus esforços, se se convencerem que um dos grandes males que aflige o trabalho local é a desunião e o indiferentismo de cada um em relação aos interesses gerais, se em vez de partidos meramente políticos levantarem outro que se proponha sobretudo à reorganização da indústria concelhia, se ao lado dele organizarem sociedades de estudo que procurem a solução das questões que lhe dizem respeito, se, enfim, se formular claramente uma vontade decidida de obter o rejuvenescimento das antigas e históricas indústrias de Guimarães, os iniciadores da exposição dar-se-hão por satisfeitos, quaesquer que fossem as contrariedades com que tiveram de arcar para dar este primeiro passo definitivo no novo caminho.»

E «o passo definitivo no novo caminho» tinha sido dado sob bons auspícios, como se comprova das opiniões colhidas a respeito da Exposição.

Em 1858 Alberto Sampaio partira para Coimbra, onde frequentou a Faculdade de Direito da Universidade, que cursou com magnífico resultado.

Muito afectivo, sempre se manifestou um homem de excepcionais qualidades, e esse affecto corria caudalosamente para a sua terra de Guimarães e demonstrava-se, por excelência, no estudo das suas origens remotíssimas. À volta deste pendor do seu temperamento se enredaram as suas investigações históricas. Amava o convívio intelec-

tual dos grandes amigos que ele próprio havia escolhido, como Luís de Magalhães, Oliveira Martins e Antero, o famoso lírico das «Prima-veras Românticas», cuja vida foi, para Alberto Sampaio, «continuamente inspirada pelos mais nobres sentimentos», e o levavam a ver nele «uma destas figuras morais superiores que serão sempre a glória da Humanidade».

Alberto Sampaio apreciava em Antero a sua indiferença pelas honras e grandezas que a tantos seduziam — e seduzem — e a afeição que demonstrava pela gente simples que, como Alberto Sampaio lhe reconhecia, «constituia uma disposição que lhe era muito particular.»

Foi também um íntimo amigo de Martins Sarmento em quem admirava o seu acendrado lusitanismo e a sua paixão em desvendar os mistérios da pré-história, que mereceram ao famoso e acatado arqueólogo vimaranense dedicados estudos.

Em 29 de Junho, catorze dias depois do acto inaugural da Exposição, a que dera o melhor do seu esforço e da sua boa vontade, realizaram-se eleições constituintes, tendo sido Alberto Sampaio proposto, por um grupo dos seus amigos, deputado pelo círculo de Guimarães. Porém, e contra toda a expectativa, o que vem comprovar o carácter volúvel e impressionável das multidões sempre abertas às falsas promessas dos políticos, Alberto Sampaio só conseguiu obter 190 votos, sendo então eleito o deputado apresentado pelo Partido Regenerador, João Franco Ferreira Pinto Castelo Branco, por 3 261 votos. O próprio Mariano de Carvalho, a quem em sessão de 16 de Março a Câmara resolvera consignar na acta um voto de agradecimento pelo interesse que tinha demonstrado pela criação da escola de desenho, não foi além de 4 votos...

Mas aqui, «Deus escreveu direito por linhas tortas». Se Guimarães perdeu, para o Parlamento, um deputado vimaranense, ganhou, por outro lado, um grande historiador que no silêncio do seu gabinete de estudo se iria deter, com vagar e liberto de preocupações políticas, no exame canseroso de velhos manuscritos e antigos documentos medievos que na sua obra prima, «As Vilas do Norte de Portugal», lhe permitiram reconstituir a história económica e agrícola anterior ao nascimento da nacionalidade, e no seu ensaio, «As Póvoas Marítimas», apontar as primeiras sortidas que no mar foram feitas pelos portugueses do Norte, em plena Idade Média, e se tornaram o prenúncio longínquo da prodigiosa acção marítima desenvolvida por Portugal nos séculos XV e XVI.

Alberto Sampaio, insigne erudito, no retraimento da sua modéstia, nunca se deixou deslumbrar pelos fogos fátuos da popularidade.

Correspondia bem ao que dele dissera D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães, que foi esposa do Escritor e Estadista Luís de Magalhães seu íntimo amigo, «Quase pedia desculpa do seu saber e do seu valor às pessoas com quem convivia!». Assim, quando no dia 24 de Junho os artistas e industriais, em grande número e acompanhados de duas bandas de música, depois de uma visita de duas horas à Exposição Industrial foram cumprimentar a Direcção da Sociedade Martins Sarmento, na sua casa do Carmo, e, depois, desceram à Rua de Santa Luzia para apresentarem cumprimentos ao dr. Alberto Sampaio, este não se encontrava em casa para os poder receber.

Como disse Jaime de Magalhães Lima, «o ardor e a isenção de espírito de Alberto Sampaio trouxeram-o permanentemente isolado do contacto do mundo e apartado da sua frivolidade e da sua inanidade, couraçado em mística armadura, impenetrável às efémeras superficialidades e dissipadas distrações do mundo», concluindo que «Alberto Sampaio, o estudioso, foi, simultaneamente, um apóstolo, e a sua vida e a sua obra tornaram-se, além de conselho seguro do entendimento, inspiração magnífica da dignidade»⁽³⁷⁾.

Escreveu Luís de Magalhães que «raramente o espírito, o carácter e o coração se terão simultaneamente elevado e equilibrado num indivíduo, como se elevaram e se equilibraram na personalidade de Alberto Sampaio».

Pelo que em face de tudo isto devemos concluir que o Parlamento não era o lugar próprio para Alberto Sampaio, e talvez fosse essa a razão que ele decerto ambicionava, por que os vimaranenses, no acto eleitoral realizado, tivessem preferido o historiador primoroso que foi, ao parlamentar apagado e esmagado nas tricas da política, que ele teria sido.

E quando em 1892 de novo o quiseram incluir numa lista para deputados, Alberto Sampaio assim escreveu a esse seu dedicado amigo Luís de Magalhães: — «Céptico, excêntrico, cada vez mais separado do mundo, nada tenho que fazer em Lisboa, como representante de quaisquer eleitores»⁽³⁸⁾.

Mas, como historiador, não se alheou da política do seu tempo. Embora, tal como Sarmento, nunca fosse um político militante e praticante, na vulgar aceção da palavra, foi sempre solidário com o princípio monárquico e aberto às ideias liberais. E quando Luís de Maga-

(37) *Labor da Grei*, Guimarães, pág. 58.

(38) *Correspondência inédita de Alberto Sampaio*, publicada e anotada pelo Coronel Mário Cardozo. («Revista de Guimarães», n.º 3, do vol. LI, 1941, pág. 73).

lhães fez parte do primeiro ministério franquista, colocou-se, moralmente, a seu lado.

Em contrapartida, Guimarães encontrou em João Franco um acérrimo defensor dos seus direitos e das suas pretensões.

João Franco tinha 29 anos quando iniciou a sua actividade política e, por curiosa coincidência, foi proposto deputado pelo círculo de Guimarães. Era ainda um desconhecido, tanto em Guimarães como no meio político, mas em quem Fontes Pereira de Melo já reconhecia um extraordinário talento.

Dado o êxito alcançado pela Exposição Industrial, talvez Fontes quizesse aproveitar o ensejo para procurar elegê-lo pelo círculo de Guimarães e lançá-lo, esperançadamente, na actividade política como novo elemento do seu partido.

Por sua vez Guimarães lucrou deveras com a eleição de João Franco, que se tornou o fiel intérprete das suas aspirações.

Quando João Franco, em 6 de Dezembro de 1885, visitou esta cidade pela primeira vez, então indignada e revoltada pelos acontecimentos ocorridos em Braga contra os representantes de Guimarães, logo afirmou, no seu discurso, «que em qualquer posição em que se encontrasse velaria com todo o interesse pelo desenvolvimento e pelas justas aspirações desta terra»⁽³⁹⁾.

E não faltou nunca à promessa então feita.

No próprio ano da sua eleição pugnou pela inclusão, na organização do exército, de um corpo de tropa para Guimarães, de que resultou a criação e instalação nesta cidade do Regimento de Infantaria 20.

Em 1887 propôs a criação na Escola Industrial Francisco de Holanda das cadeiras de línguas francesa e inglesa.

A seguir, em 1888, defendeu os interesses da ourivesaria de Guimarães contra os abusos da contrastaria distrital, e apresentou o projecto de lei de reorganização da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, justificando: — «A cidade de Guimarães é tão conhecida na História do País, pela longa influência que exerceu na política e economia portuguesa, que supérfluo se torna hoje encarar esses méritos. Devota e guerreira, sucessivamente comercial e industrial, a cidade e concelho de Guimarães veio até nós, desde a instituição da monarquia, sem uma mancha. Hoje é caracteristicamente comercial e industrial, mas nem por isso arrefeceu na veneração profunda por tudo quanto traduz uma glória do passado. Se o seu apego

(39) *A João Franco a Cidade de Guimarães*, Edição de Francisco da Silva Pereira Martins, Guimarães, 1934, pág. 34.

ao trabalho, se o seu amor ao progresso impelem essa briosa população a desejar ardentemente o desenvolvimento da Escola Industrial e a criação de novas instituições de instrução popular, o seu patriotismo nunca desmentido alimenta a veneração pelas instituições históricas e de entre estas, como a mais gloriosa, luta pela conservação da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira» (40).

Em 1891 foi acrescido à parte profissional da Escola Industrial Francisco de Holanda o ensino de serralharia, cutelaria, fiação, tecidos e labores femininos.

Em 1893 foi publicado o decreto autorizando que os exames de admissão ao liceu se realizassem nesta cidade, deixando, assim, de serem feitos na sede do distrito. Um outro decreto cedia o edifício do convento de Santa Clara para instalação do Seminário-Liceu, que em 1896 foi transformado em Liceu Nacional.

Quando, após a sua reeleição, por gratidão, em 1887, voltou a visitar Guimarães, ao agradecer o entusiástico acolhimento que lhe fora feito, afirmou que «se o seu partido desatendesse pretensões colectivas deste concelho, que ele reputasse oportunas e justas, deixá-lo-ia, pois, acima de tudo, ele era e seria sempre vimaranense pelo impulso da sua alma, pela admiração que lhe despertara o nobre carácter da população vimaranense e pelas provas de simpatia e de calorosa distinção de que se via rodeado» (41).

Guimarães conquistara João Franco. E este não mais esqueceu a primeira terra onde, pela primeira vez, tinha sido eleito deputado e foi sempre vibrantemente acolhido.

Já depois de afastado da política, após o regicídio que vitimou o Grande Rei e Grande Artista que foi D. Carlos, é à cidade e ao povo de Guimarães que João Franco dedica, em 1924, o volume em que reuniu as «Cartas d'El-Rei D. Carlos», que lhe haviam sido dirigidas.

Tais demonstrações de afecto pela terra vimaranense eram ainda, sem dúvida, repercussões da tão enaltecida Exposição Industrial de 15 de Junho de 1884, cujo centenário aqui nos reuniu, em comemoração.

Manuel Alves de Oliveira

(40) *Idem, idem.*

(41) *Idem, idem, pág. 35.*